



A relação de processo-cura na construção [Passar (por)a covid]: uma análise construcional e estatística

Alice Ribeiro Dionizio¹

RESUMO:

Este trabalho apresenta uma proposta de análise construcional e estatística da construção [Passar (por)a covid]. O referencial teórico que orienta nossas análises é a Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995; GOLDBERG, 2019; PERINI, 2008); a Gramática do bem-estar (AIKHENVALD, 2021) e estudos sobre o verbo passar (JORDÃO, 2018), (TRAVAGLIA, 2007). Os resultados revelam que a relação de sentido com o verbo passar mais proeminente é a de período de duração da enfermidade (com 52,6%) – que estamos chamando aqui de processo –, seguida pela de cura da doença/fim da doença (com 32,4%).

PALAVRA-CHAVE:

Gramática das Construções;
Linguística de Corpus;
Gramática do bem-estar;
Metáforas;
Verbo passar.

¹ Doutoranda em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora de Português e Espanhol no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC). E-mail: alice.dionizio@ifsc.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3337-8889>.

1 Considerações Iniciais

A pandemia de COVID-19 influenciou e influencia muitos campos da atividade humana a partir de seu surgimento em 2020. Além da saúde, campos como a economia, a educação, o turismo etc. foram diretamente afetados pelas novas relações impostas pela questão de saúde pública. E com o português brasileiro não é diferente: dia a dia novas formas de falar e de se referir à doença (e ao patógeno coronavírus) surgem com o objetivo de refletir os padrões de conceptualização e de experenciação diante da nova realidade. Uma das construções amplamente utilizadas, tanto em contextos formais quanto informais, é a “Testei positivo/negativo para a covid”, que marca o início do período de enfermidade ou, quando negativo, a exclusão da possibilidade de doença. O objeto de nosso estudo é também uma construção que passou a ser muito usada nesse contexto pandêmico: [Passar (por)a covid]. A ocorrência contida em (1), a seguir, exemplifica um uso dessa construção para indicar a marcação do fim da doença, ou seja, a cura.

(1) Já posso dizer que [passei pela COVID-19], todos os sintomas se foram há mais de uma semana. (TWITTER, 10/01/2021).

A hipótese da pesquisa é a de que a construção [Passar (por)a covid] aborda aspectos do período/permanência de enfermidade bem como da cura da doença, ou superação por parte do enfermo. Trata-se, portanto, de um parâmetro de construções cujos significados são relacionados e focalizam momentos distintos da enfermidade, ou seja, processo e cura. Como linguisticamente as construções são expressas da mesma forma, o contexto social e o compartilhamento de informações dentro dos enunciados funcionam como direcionamentos para a compreensão sobre o foco da construção – se é de processo ou se é de cura.

Com isso, o objetivo geral desta investigação é refletir como essas duas construções constroem seus significados ao se referirem a momentos distintos da enfermidade. Já os objetivos específicos são: (i) construir um corpus de ocorrências da construção [Passar (por)a covid] a partir de tweets públicos veiculados na plataforma Twitter; (ii) analisar e codificar as ocorrências por meio de categorias de análise emergentes das próprias ocorrências; (iii) tratar estatisticamente dos dados de forma a encontrar os padrões subjacentes à construção; (iv) discutir a formulação e a utilização dessa construção à luz da Gramática das Construções.

Dessa forma, este artigo está organizado de maneira a apresentar inicialmente ao leitor alguns preceitos básicos da Gramática das Construções – seção 2 A Gramática das construções – para, na sequência, formular discussões sobre a construção foco deste trabalho – seção 3 A construção [Passar (por)a covid]: uma relação de processo-cura. Na sequência, apresentamos o caminho metodológico percorrido para a construção do

trabalho – seção 4 Materiais e Métodos – e as análises dos dados encontrados – seção 5 A construção [Passar (por)a COVID] sob uma abordagem estatística e construcional. Por fim, tecemos algumas Considerações Finais com base nas análises realizadas e nos padrões observados.

2 A Gramática das Construções

A perspectiva construcional defende que as línguas são constituídas por construções que são formadas por pares de forma e significado que possuem significado de forma independente dos significados dos elementos particulares que as constituem. Dessa forma, as sentenças que podem ser percebidas em diferentes contextos são, na verdade, instâncias de construções que as antecedem. Como consequência, essa perspectiva não preconiza uma cisão entre semântica e sintaxe, nem mesmo uma hierarquia entre elas, mas compreende que há um continuum nesse par de forma e significado que possibilita a efetiva comunicação nas línguas. Em outras palavras, há duas premissas básicas quando pensamos na abordagem construcional: não há distinção entre léxico e sintaxe e o signo linguístico é concebido como algo que funciona pareando a forma e as condições de produção (semântico-pragmáticas) (SALOMÃO, 2009).

Como consequência, cada construção possui seu significado próprio que se adjunge aos significados particulares dos elementos que fazem parte dela, como é o caso dos verbos e de sua grade argumental. Porém, ainda que possuam significados específicos, as construções são interligadas por relações hierárquicas e de filiação. Ou seja, há construções que funcionam como subclasses de outras construções e, por isso mesmo, a gramática (e a língua) é concebida como uma rede de construções relacionadas.

A característica de significação própria da construção é uma questão primordial e diferencial dessa abordagem teórica, uma vez que esse reconhecimento nos ajuda a compreender e a explicar porque alguns verbos possuem significados distintos a depender da sentença em que ocorrem. Segundo Goldberg (1995), isso pode ser atribuído ao significado da construção: os diferentes significados percebidos em diferentes ocorrências não dizem respeito somente ao caráter polissêmico do verbo, mas principalmente aos diferentes significados das construções.

Ao tratar dessas relações, Goldberg (1995) propõe algumas definições de construções do inglês, a saber: ditransitiva (X faz que Y receba Z); movimento causado (X causa Y para mover Z); resultativa (X causa Y para se tornar Z); movimento intransitivo (X move Y) e conativa (X dirige a ação para Y). Contudo, ainda que exista uma relação de hierarquia entre as construções, uma nova construção só deverá surgir

na língua se nenhum dos seus elementos puder ser predicado a partir de outras construções.

Goldberg (1995) defende ainda que as construções abarcam relações semânticas que refletem cenas básicas do cotidiano, assim como propunha Fillmore (1982) na chamada Semântica de Frames. Em outras palavras, as construções que utilizamos para falar sobre os eventos, as coisas e o mundo refletem diretamente a forma como experienciamos, vivenciamos e conceptualizamos esses elementos. Trata-se, portanto, de um processo que emerge de relações conceptuais, corporais, sociais, culturais e linguísticas. A partir dessa compreensão é que podemos entender melhor porque certas construções são rechaçadas em determinados contextos: por estarmos diante de um fenômeno que é também cultural e compartilhado, as construções são amplamente utilizadas quando compartilhadas pelos falantes da língua. Quando isso não ocorre, ainda que as construções possam ser “gramaticalmente possíveis”, podem ser repelidas por não estarem dentro do escopo linguístico dos falantes.

Um exemplo disso seria a construção “Explain me this” tratada por Goldberg (2019): ainda que em um primeiro momento pareça que estamos diante de uma construção aceitável e gramatical, um nativo de língua inglesa não aceitará essa formulação porque há uma restrição de ordem fonológica segundo a qual os verbos de origem germânica são preferidos em detrimento de verbos de origem latina (como é o caso de “explain”). Além dessa restrição fonológica, cada construção carrega características sintáticas, semânticas, estruturação da informação e o próprio contexto social que auxiliam na determinação de sua aceitabilidade (GOLDBERG, 2019).

A partir da perspectiva construcional (ou da Gramática das Construções – GC), algumas vantagens se apresentam, a saber: (i) os sentidos improváveis dos verbos são evitados; (ii) não há uma determinação ad hoc dos sentidos dos verbos; (iii) a circularidade de explicações é evitada; (iv) a composicionalidade é preservada. Essa realidade analítica é possível porque a GC concebe que o significado linguístico é resultado da união do significado específico dos verbos e da construção em si. Dessa forma, não é necessário criar diferentes explicações para os significados particulares dos verbos, pois a explicação é o significado da própria construção.

Dessa forma, qualquer mudança sintática compreende uma diferença semântica, pois as construções sempre são constituídas nessa relação entre a forma e o significado. Como não há divisão entre sintaxe e semântica na GC, não é possível que ocorra uma mudança puramente sintática, a semântica sempre será influenciada. Além disso, a questão da composicionalidade linguística nos revela que nenhuma construção será igual a outra, uma vez que não faria sentido a existência de duas ou mais construções que significassem a mesma coisa: é contraintuitivo e contraproducente. Além disso, a composicionalidade nos ajuda a compreender os

arranjos possíveis a partir da grade argumental dos verbos, ou seja, como as combinações podem ser possíveis ou não.

No caso do português, por exemplo, temos o estudo de Perini (2008) que une o interesse pelas valências verbais, diáteses, e a CG. Segundo o autor, é fundamental que a linguística siga o caminho da descrição, por isso se propõe a criar um verdadeiro catálogo das construções do português brasileiro de forma a demonstrar as diversas relações de forma e sentido – relações simbólicas, na terminologia adotada pelo autor. Para tanto, ele adota algumas notações específicas que buscam demonstrar como as relações são estabelecidas. A sentença em (2), a seguir, demonstra essa representação adotada pelo pesquisador.

(2)

Zezé comeu a pizza²

Definição:

H V SN

Ag³ Paciente

No caso de (2) temos a construção C.1.: Transitiva que, nas palavras de Perini (2008), é a mais recorrente no PB, abarcando uma infinidade de verbos. Na primeira linha, temos um exemplo de instância da construção com o verbo “comer”; já na primeira linha da Definição, temos a presença do Sujeito (representado por H), do verbo (V) e do objeto (SN) – face sintática da construção. Na linha abaixo, encontramos a face semântica, especialmente representada pelos papéis temáticos: agente e paciente. Importante: o objeto, por receber papel temático de paciente, carregaria um traço de transformação importante pois é modificado pela ação do sujeito.

Muitos estudos vêm sendo realizados dentro da perspectiva construcional e que envolvem o PB. O interesse não recai somente na grade argumental, mas na própria construção morfológica dentro da língua. Exemplos disso são estudos como os de Bronzato (2009)⁴, Botelho (2009)⁵ etc. que estudam além das construções sintáticas, construções lexicais⁶. Esta pesquisa propõe-se analisar como a instância linguística “Passar (por)a Covid” pode, por meio da composicionalidade, corresponder a duas construções com significados distintos: uma que focaliza a duração da enfermidade e, portanto, suas características; e outra que focaliza o fim desse período, ou seja, a cura.

² Essa construção seria do tipo “H V SN”, ou seja, Sujeito Verbo Objeto.

³ Convenção adotada pelo autor para o papel temático de agente.

⁴ A autora se dedica ao estudo do enquadre gramatical da interdição no PB.

⁵ A autora estuda as construções agentivas do tipo x-eiro.

⁶ Dentro da abordagem construcional, os morfemas também são entendidos como exemplos de construções pois representam também a relação entre forma e significado.

3 A construção [Passar (por)a covid]: uma relação de processo-cura

Desde o surgimento do novo coronavírus no início de 2020, o português brasileiro tem sofrido mudanças significativas: seja por criações de novos termos – como o adjetivo *quarentener* –, seja pela utilização de estruturas sintáticas pouco regulares anteriormente – como “Testei positivo” – fato é que estamos diante de transformações importantes, regulares e frequentes. A frequência de uso, como salienta Bybee (2016), sinaliza o caminho a ser percorrido no processo de transformação linguística: quanto mais frequente um elemento ou construção é, mais facilmente será incorporado na língua.

Nesse sentido, Aikhenvald (2021) discute como as formas se referir às doenças e aos processos de convalescência variam a depender das línguas. Isso ocorre porque a relação entre diferentes línguas e doenças tende a refletir padrões de conceptualização e de experenciação que dizem respeito à forma de vivenciar o processo de início do adoecimento, de permanência da doença e, claro, do desfecho (que pode ser a cura ou, em muitos casos, a morte). Segundo Aikhenvald (2021), há casos em que a doença “pega” o enfermo e outros em que o enfermo é quem “pega” a enfermidade. Nesse sentido, as relações metafóricas existentes e empregadas são bastante recorrentes e marcam a relação da comunidade de falantes com a enfermidade⁷.

A relação entre língua e pensamento, tão debatida no campo das ciências da linguagem, pode nos ajudar a compreender a existência de diferentes formas de referir-se às doenças. Aqui adotamos a versão fraca de Sapir-Whorf, compreendendo que a língua que falamos não determina nosso pensamento, mas sim organiza o foco de nossa atenção em relação a aspectos que outras línguas não enfocariam (SLOBIN, 1996). Em outras palavras, diante do surgimento de uma nova doença como a COVID-19, o PB pode focar aspectos que, talvez, o tariana (língua estudada por Aikhenvald) não focalize ao fazer referência a mesma doença. Nas palavras da pesquisadora,

Nossa hipótese é que as maneiras pelas quais doença, enfermidade, recuperação e bem-estar são conceptualizados, em todos os idiomas e culturas, se correlacionam com as práticas de fala tradicionais - isto é, as estruturas gramaticais usadas para falar sobre elas.⁸ (AIKHENVALD, 2021, p. 4).

⁷ Muitas vezes a doença é tratada como um inimigo a ser vencido pelo sofredor, o que revela que as metáforas de guerra são bastante regulares e revelam um domínio conceptual bastante regular. Sobre isso ver Sontag (2007), Charteris-Black (2021), Semino (2020), Nerlich e Halliday (2007) etc.,

⁸ Tradução livre, no original: “We hypothesise that the ways in which disease, ailment, recovery, and well-being are conceptualised, across languages and cultures, correlate with traditional speech practices — that is, the grammatical structures used to talk about them.”

Aikhenvald (2021) apresenta, então, oito esquemas gramaticais recorrentes que revelam diferentes estados (adoecimento, progressão da doença e cura) dentro do que ela chama de “gramática do bem-estar”: **A. Esquema de predicação** – **A.i Estado** ou no **A.ii Processo** – em que a doença tende a aparecer em um *slot* predicativo em uma construção com verbo que indica estado; **B. Esquema de movimento**, o qual diz respeito ao movimento que a doença faz em direção ao doente; **C. Esquema de posse** – **C.i Esquema de ação** – o sujeito possui a doença – e **C.ii Esquema de localização** – a doença se localiza no doente; **D. Esquema Comitativo** – em que o doente é o sujeito e a doença o acompanha; **E. Esquema de aquisição com sofredor “agente”** – o sofredor é o sujeito e a doença é o objeto; **F. Esquema de aquisição com doença “agente”** – é inverso do esquema E, pois a doença é o agente; **G. Esquema do contêiner** – o sofredor ocupa a posição do sujeito e a doença é entendida como um recipiente que envolve o doente, ou seja, o enfermo está dentro da doença; **H. Esquema do tópico** – O 'sofredor' é o tópico na posição inicial e a doença é o sujeito da sentença que segue.

Nesse sentido, propomos aqui que a construção “Passei (por)a Covid” é uma instanciação do esquema que estamos chamando de **J. Esquema processo-cura com o verbo passar**, uma vez que o sujeito (sofredor) é prototipicamente agente e fica doente por um tempo (a ideia de processo) sendo que o desfecho é a cura. Interesse observar que a presença da preposição não parece ser obrigatória: há ocorrências em que ela simplesmente não é utilizada.

Antes de adentrarmos às análises estatísticas que ajudam a corroborar nossas hipóteses, gostaríamos de ressaltar que os estudos realizados sobre o verbo **passar** tendem a localizá-lo em duas posições fundamentais: ora como verbo pleno (especialmente indicando movimento e selecionando diferentes argumentos) ora como verbo auxiliar. Nos dois casos, Jordão (2018) defende que há um mesmo esquema semântico de movimento, ou seja, Origem>Percurso>Movimento.

Travaglia (2007), ao estudar o verbo **passar**, percebe, a partir da análise de seus dados, que em 83,95% dos casos ele se comporta como um verbo lexical (conteúdo nocional) e em 16,05% como verbo gramatical. No caso de ocorrências de **passar** como verbo gramatical, temos situações nas quais

ele [o verbo **passar**] não tem a ver com o mundo biopsicofísicosocial, portanto quando sua função não é expressar situações, mas marcar categorias verbais (tempo, modalidade, aspecto, voz) e/ou exercer funções ou papéis discursivotextuais determinados (como os operadores argumentativos e os marcadores conversacionais, por exemplo) ou ainda indicar noções bastante gerais e abstratas que não constituem situações, tais como resultatividade, cessamento, repetição, atribuição, etc. (TRAVAGLIA, 2007, p. 3)

Além disso, os dados do pesquisador revelam que nesse aspecto gramatical há uma preferência para indicar o início de uma situação/aspecto começado (13,79%), seguido da função de marcador temporal (1,44%) e de verbo de ligação (0,82%).

Esses dados nos ajudam a compreender a construção [Passar (por)a covid] sob dois aspectos fundamentais: sistema origem>percurso>meta (verbo passar pleno, lexical) ou sistema início>duração>cura (verbo passar gramatical, relação abstrata). Nos dois casos, contudo, estamos diante de uma relação metafórica com a metáfora conceptual COVID É MARCO ESPAÇO-TEMPORAL. No primeiro aspecto, a Covid-19 pode ser compreendida como um marcador físico, no qual o doente, ao curar-se, passa por ela. Em outras palavras, o processo de enfermidade teve um início e um fim, mas o foco parece recair no final, na meta, que é a cura; no segundo caso, há também a presença da doença como um marcador, mas este parece indicar mais o sentido de tempo, ou seja, o período em que o enfermo esteve sob os efeitos (ou não) da doença, os quais representam um tempo passado, superado, e que serve como base de comparação com o tempo presente.

Em outras palavras, no primeiro caso o verbo passar parece indicar a relação nocional de movimento físico, estabelecendo uma relação metafórica de superação: a doença é um marcador espacial, físico, que foi superado pelo doente que agora está curado; no segundo caso, o verbo passar parece ter um sentido mais abstrato, de marcador temporal: ainda que se trate também de uma superação (o doente também já está curado), o foco recai no tempo em que esteve doente, ou seja, no processo e na duração da doença. Somando esses dois aspectos, parece que estamos diante de uma construção que pode tanto se referir ao processo de duração da enfermidade quanto da efetivação da cura.

Um dado que nos chamou muito a atenção no processo de procura das ocorrências foi o fato de que muitos usuários, quando desejam focalizar o tempo da doença, utilizarem adjetivos, advérbios, locuções adjetivas ou outros elementos linguísticos que funcionem como indicadores do *status* da doença, ou melhor, que explicitam o modo pelo qual o falante “passou pela covid”, ou seja, como esteve durante o processo de enfermidade. Isso é o que podemos observar nas sentenças contidas em (2), (3) e (4) a seguir.

(3) [Passei pela COVID] **tranquila**, se eu morrer de gripe eu vou ficar puta. (TWITTER, 15/12/2021)⁹

(4) e foi assim que [eu passei pela covid] **trabalhando e vivendo normalmente**. (TWITTER, 13/04/2021)

⁹ O corpus do trabalho foi construído a partir de tweets públicos de usuários do Twitter e a metodologia será elucidada melhor na próxima seção do artigo. Não faremos referência ao nome de usuário utilizado, apenas à plataforma e à data de publicação.

(5) [passei pela covid] **quase que ilesa**, p no primeiro momento eu pegar essa gripe nojenta. (TWITTER, 23/12/2021)

Os elementos destacados em negrito, *tranquila, trabalhando e vivendo normalmente* e *quase ilesa*, indicam o modo do processo da enfermidade, ou seja, o “como” da doença. Nos três casos, o sentido é o mesmo: a doença não significou muito perigo ao enfermo, que possivelmente apresentou um quadro leve, por vezes até assintomático, da doença. Há, porém, casos em que o foco recaí de fato na cura, no “fim” da enfermidade. Isso é o que podemos observar nos exemplos (6), (7) e (8) a seguir:

(6) [Passei pela Covid.] Estou vivo. Nunca tinha me tocado que o ar é essencial. Ptz! (TWITTER, 17/01/2021)

(7) Então é que vou para Maceió e não tomei e nem quero tomar a vacina será que vou ser barrado no aeroporto kkk Já sou 4 conhecido que tomou e morreu todos estavam bem tô com medo dessa Vacina [já passei pela covid] não quero arrisca essa vacina. (TWITTER, 13/06/2021)

(8) OLHA QUEM [PASSOU PELA COVID] E TA JA COM UM SORRISÃO!! Obrigado Deus (TWITTER, 16/09/2021)

Nos três casos, (6), (7) e (8), há a indicação de cura, ou seja, do fim do processo de enfermidade. Não há menção do processo de enfermidade em si, pois o foco é, de fato, a passagem do estado de doença para o estado de cura. Essa diferenciação foi levada em consideração em nossas análises. A seção a seguir apresenta os métodos que utilizamos para a nossa pesquisa, desde a busca ativa pelas ocorrências, passando pelo processo de categorização e codificação e, claro, das análises e do tratamento estatístico dos dados.

4 Materiais e Métodos

A metodologia empregada nesta pesquisa tomou como base pressupostos da Linguística de Corpus, de maneira que o primeiro movimento metodológico foi a construção do corpus de análise. Para tanto, utilizamos a plataforma Twitter para essa busca ativa, a qual oferece a possibilidade de realizar uma pesquisa avançada a partir de filtros e descritores que direcionam com mais precisão a busca. Dessa forma, utilizamos os seguintes descritores: Busca Avançada>Esta frase exata>(¹⁰passei a covid/passei pela covid/passou a covid/passou pela covid)¹¹>Idioma>(Português)>Datas (janeiro/01/2021 até janeiro/01/2022). A partir dessas buscas, obtivemos um total de 272 ocorrências.

¹⁰ O parêntese aqui indica o início do que colocamos nos slots oferecidos pela plataforma no filtro indicado.

¹¹ Foram quatro buscas, uma para cada frase.

O próximo passo foi o de codificar as ocorrências a partir de categorias de análise. Para o processo de codificação, utilizamos o software de planilhas eletrônicas Excel. O Quadro 1, a seguir, sistematiza as categorias de análise utilizadas:

Quadro 1: Categorias de análise e de codificação dos dados da construção [Passar (por)a Covid]

Relação de sentido com o verbo passar	Códigos de análise	Esquemas de significação das construções
Transferência da doença	T	X transfere Y para Z
Superação da doença em relação a uma outra	S	X supera Y
Cura da doença/Fim da doença	C	X fica curado de Y X acaba
Período de duração da enfermidade	E	X permanece com Y por um tempo
Ação de “passar”	P	X passa Y em Z
Ação de mostrar, aparecer	M	X passa em Y
Relação metafórica acionada a partir do significado da construção e do verbo passar		
COVID é um objeto		O
COVID é um atleta/competidor		A
COVID é um marco espaço-temporal		E
Preposição "por" mais artigo "a"		
Presente		+
Ausente		-
Relação número-pessoa do verbo passar		
Primeira pessoa singular		1
Terceira pessoa singular		2
Função sintática do termo “COVID”		
Sujeito		x
Objeto direto		y
Objeto indireto		z
Advérbio/Locução adverbial		a

Fonte: elaborado pela autora

No primeiro bloco de categorias, temos as relações de sentido expressas com o verbo passar. Além daquelas que já discutimos anteriormente, visualizamos ainda a possibilidade de o verbo passar indicar a Transferência da doença (casos em que estamos diante de uma outra construção, pois trata-se do processo de início da enfermidade a partir da transmissão entre pessoas – os vetores da doença); de Superação da doença em relação a uma outra (comparação da doença com outra doença, no caso a gripe); Ação de “passar” com sentido de “espalhar” (a doença é metaforizada como um objeto que pode ser passado, espalhado, em algum lugar, a

exemplo de substâncias que se assemelham a cremes ou substâncias pastosas – poucas ocorrências); Ação de “passar” com sentido de mostrar (a doença foi mostrada na televisão – apenas uma recorrência). Como o leitor perceberá, a construção que estamos a analisar está incluída na descrição do código C – Cura da doença/Fim da doença e E – Período de duração da enfermidade, os quais constituem a dupla-face da construção, ou seja, foco na cura e no processo de duração da doença, como já discutimos anteriormente.

O segundo bloco de categorias analisadas diz respeito às metáforas acionadas. A metáfora que mais nos interessa e que se relaciona à construção analisada é a COVID É UM MARCO ESPAÇO-TEMPORAL, uma vez que a construção aqui analisada utiliza o verbo *passar*. Dessa forma, a doença é metaforizada como marco a ser ultrapassado pelo enfermo: durante o processo de “passar” por esse marco, tem-se a indicação da duração da enfermidade; e quando o enfermo ultrapassa o marco, tem-se a indicação da cura. Contudo, não podemos ignorar que os dados nos revelam ainda outras duas metáforas, COVID É OBJETO (especialmente relacionada à relação de transferência e transmissão¹²) e COVID É UM ATLETA/COMPETIDOR, relacionada à ideia de competição entre a covid e a gripe.

As categorias contidas no terceiro, quarto e quinto bloco dizem respeito mais a questões gramaticais: presença ou ausência da preposição “por”; relação de número-pessoa (1º e 3º do singular¹³); e funções sintáticas ocupadas pelo termo COVID (sujeito, objeto direto, objeto indireto e advérbio/locução adverbial). Depois de estabelecidas as categorias e respectivos códigos, passamos ao processo de codificação no Excel. Essa etapa é necessária para a posterior utilização do software GoldVarb¹⁴ que fornece o tratamento estatístico dos dados.

¹² Poderíamos ainda pensar na metáfora do contêiner, uma vez que o sofredor parece ser metaforizado como um recipiente que envolve a doença.

¹³ Optamos neste trabalho por essas duas pessoas, mas trabalhos futuros poderão utilizar outras pessoas como categoria de análise, especialmente as que indicam plural.

¹⁴ Trata-se de um software livre desenvolvido por pesquisadores da University of Toronto que é muito utilizado nas pesquisas dentro da sociolinguística varacionista. Ele pode ser baixado gratuitamente no endereço eletrônico < <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>>.

5 A construção [Passar (por)a COVID] sob uma abordagem estatística e construcional

Esta seção é dedicada à apresentação dos dados obtidos a partir do tratamento estatístico no GoldVarb. A Tabela 1, a seguir, organiza o número de ocorrências, bem como as porcentagens, da categoria Relação de sentido com o verbo passar.

Tabela 1: Número de ocorrências e porcentagens da categoria Relação de sentido com o verbo passar (códigos T, S, C, E, P e M) no período compreendido entre 01 de janeiro de 2021 até 01 de janeiro de 2022

Relação de sentido com o verbo passar	Código	Esquema de significação	Número de ocorrências	%
Transferência da doença	T	X transfere Y para Z	36	13,2
Superação da doença em relação a outra	S	X supera Y X fica curado de Y	2	0,7
Cura da doença/Fim da doença	C	X acaba X permanece com Y por um tempo	88	32,4
Período de duração da enfermidade	E	X passa Y em Z	143	52,6
Ação de “passar”	P	X passa em Y	2	0,7
Ação de mostrar, aparecer	M		1	0,4
Total			272	100

Fonte: elaborado pela autora

As sentenças expressas em (9), (10), (11), (12), (13) e (14), a seguir, são *tokens* dos esquemas de significação aqui analisados.

(9) **Pra quantos crentes pobres Malafaia passou a Covid?** Vão se tratar aonde? (TWITTER, 27/03/2021) [Transferência da doença]

No caso do exemplo contido em (9), percebemos que a doença é metaforizada como um objeto que sai de um ponto A (transmissor) para um ponto B (receptor). Ainda que saibamos que há essa relação de transmissão no campo da realidade, a transmissão é do vírus que pode desenvolver a doença – infecção – no receptor.

No caso de (10), abaixo, a situação é diferente: tem-se a comparação de duas doenças (H3N2 e Covid-19) em nível de competição – a gripe já teria “superado” a covid, possivelmente em número de casos e infecções.

(10) Presidente da fms já falando isso, **hj a h3n2 passou a covid** e tá em franca expansão, e a covid pq tem vacina tá estabilizada. (TWITTER, 29/12/2021) [Superação da doença em relação a outra]

O exemplo expresso em (11), abaixo, demonstra como a doença é metaforizada como um marco espaço-temporal: a Covid-19 representa um momento na vida do enfermo pelo qual ele passa – metaforicamente – estando doente e curando-se da doença. O foco recai na cura.

(11) Muito doido como **já passou a covid que minha mãe pegou** e ela ainda ta com sequela. (TWITTER, 15/10/2021) [Cura da doença/Fim da doença]

Porém, o foco pode recair na duração da enfermidade, como é possível observar no exemplo contido em (12) a seguir:

(12) **Um funcionário desses passou a covid. Ficou 15 dias fora, poucos sintomas.** (TWITTER, 17/03/2021) [Período de duração da enfermidade]

Em (12) é possível observar que a preocupação parece estar mesmo no período de duração e no estado do enfermo durante esse período (“poucos sintomas” parece indicar um quadro positivo e ameno da infecção).

A ocorrência contida em (13) destoa bastante do padrão observado nos dados aqui analisados. Isso se deve à irreverência e à ironia utilizada pelo comunicador no enunciado, pois a metáfora construída parece comparar a Covid-19 a substâncias que podem ser “passadas” em outras superfícies. É preciso considerar ainda que há uma aproximação de sentido com a ideia de “transferência”.

(13) Mas já pegou a covid, beijou a covid, lambeu a covid, **passou a covid no rego**, fez vore com a covid.... (TWITTER, 07/07/2021) [Ação de “passar”]

O exemplo contido em (14) é a única ocorrência do corpus cujo significado é de “aparecer”, “ser mostrado”.

(14) **passou a covid na novela?** (TWITTER, 04/09/2021) [Ação de mostrar, aparecer]

Quanto aos dados, as relações de sentido mais proeminentes são as que estão alocadas dentro da construção aqui analisada, ou seja, Período de duração da enfermidade – 143 ocorrências, correspondendo a 52,6% – e Cura da doença/Fim da doença – com 88 ocorrências e 32,4% dos dados. A terceira posição é ocupada pela categoria Transferência da doença – 36 ocorrências, o que corresponde a 13,2% do total. Esses dados corroboram a nossa hipótese de que o significado prototípico da construção [Passar (por)a covid] é o que se aloca na relação de processo-cura.

No caso das metáforas acionadas, o padrão observado é mantido: COVID É UM MARCO ESPAÇO-TEMPORAL é a mais recorrente (231 ocorrências, 85%), seguida de COVID É UM OBJETO (39 ocorrências, 14,3%) e COVID É UM ATLETA/COMPETIDOR (2 ocorrências, 0,7%). No caso da preposição “por”, temos 186 ocorrências de presença (68,4%) e 86 ocorrências de ausência (31,4%). Já no que se refere à relação de número-pessoa com o verbo passar, a preferência recai na 3ª pessoa do singular (174 ocorrências, com 64%) em comparação com a 1ª pessoa do singular (98 ocorrências, correspondendo a um total de 36%). Esses dados nos revelam padrões interessantes, a construção [Passar (por)a COVID] ativa a metáfora conceptual COVID É UM MARCO ESPAÇO-TEMPORAL, de

modo que as preferências estruturais são: presença da preposição “por” e preferência pela primeira pessoa do singular.

A Tabela 2, abaixo, traz os dados acerca das funções sintáticas do termo COVID no corpus. Os dados revelam que na maioria das vezes, COVID funciona como objeto indireto, seguido de objeto direto, sujeito e advérbio/locução adverbial.

Tabela 2: Funções sintáticas do termo COVID (códigos x, y, z e a) no período compreendido entre 01 de janeiro de 2021 até 01 de janeiro de 2022

Função sintática do termo “COVID”	Código	Número de ocorrências	%
Sujeito	x	27	9,9
Objeto direto	y	40	14,7
Objeto indireto	z	202	74,3
Advérbio/Locução adverbial	a	3	1,1
Total		272	100

Fonte: elaborado pela autora

Uma explicação possível para a presença majoritária do termo COVID como objeto indireto é a relação construída com a preposição “por”, que está presente em quase 70% dos casos.

O software GoldVarb possibilita também o cruzamento de dados a partir de diferentes categorias de análise. Nesse sentido, a Tabela 3, a seguir, apresenta o cruzamento entre as funções sintáticas do termo COVID e da relação número-pessoa com o verbo passar.

Tabela 3: Cruzamento de dados entre as categorias de função sintática do termo COVID (códigos z, y, x e a) e relação de número-pessoa com o verbo passar (códigos 1 e 2) no período compreendido entre 01 de janeiro de 2021 até 01 de janeiro de 2022

	1	%	3	%	Σ	$\Sigma\%$
Z	97	48	105	52	202	100
Y	1	2,5	39	97,5	40	100
X	0	0	27	100	27	100
A	0	0	3	100	3	100
Total	98	36	174	64	272	100

Fonte: elaborado pela autora

Como o leitor deve ter observado, das 202 ocorrências em que a função sintática do termo COVID é a de objeto indireto, temos 97 com a primeira pessoa do singular (correspondendo a 48% do total) e 105 com a terceira pessoa (o que corresponde aos 52% restantes). Podemos dizer que há um certo equilíbrio nesse caso. Quanto à função sintática de objeto indireto, das 40 ocorrências do corpus, 39 são com a terceira pessoa (97,5% do total) e apenas 1 com a primeira pessoa (2,5%). Quanto à

função sintática de sujeito, todas ocorrem com a terceira pessoa (27 ocorrências), o mesmo que acontece com a função de advérbio/locução adverbial (3 ocorrências).

A Tabela 4, abaixo, organiza o cruzamento de dados entre a mesma categoria de funções sintáticas, mas agora comparando-as com a presença ou ausência da preposição “por”.

Tabela 4: Cruzamento de dados entre as categorias de função sintática do termo COVID (códigos z, y, x e a) e presença ou ausência da preposição “por” (códigos + e -, respectivamente) no período de 01 de janeiro de 2021 até 01 de janeiro de 2022

	+	%	-	%	Σ	Σ%
Z	186	92	16	8	202	100
Y	0	0	40	100	40	100
X	0	0	27	100	27	100
A	0	0	3	100	3	100
Total	186	68,4	86	31,6	272	100

Fonte: elaborado pela autora

No caso da função sintática de objeto indireto, 92% das ocorrências se dão com a presença da preposição e 8% sem; no caso de objeto direto, 100% ocorre sem preposição, assim como nos casos das ocorrências de sujeito e de advérbio/locução adverbial. Em outras palavras, a preposição só se faz presente quando a função sintática ocupada pelo termo COVID é a de objeto indireto.

5 Considerações Finais

Ao fim dessas análises, alguns padrões podem ser enunciados, a saber: (i) a relação de sentido com o verbo passar mais proeminente é a de período de duração da enfermidade (com 52,6%) seguida pela relação de cura da doença/fim da doença (com 32,4%), ambas que constituem a dupla face de significação da construção [Passar (por)a covid, ou seja, processo-cura; (ii) a preposição é presente em quase 70% das ocorrências (mais exatamente 68,4% dos casos); (iii) a metáfora mais recorrente é a que direciona o significado da construção aqui analisada, ou seja, COVID É UM MARCO ESPAÇO-TEMPORAL, com 85% das ocorrências; (iv) 64% das ocorrências analisadas são organizadas a partir da conjugação do verbo passar com a terceira pessoa do singular; (v) a função sintática ocupada pelo termo COVID mais recorrente é a de objeto indireto (74,3%).

Além disso, o cruzamento de algumas categorias de análise nos apresenta também dados que corroboram nossa hipótese inicial, ou seja, todas as ocorrências com a metáfora COVID É UM MARCO ESPAÇO-TEMPORAL estão incluídas dentro do escopo da construção analisada, ou seja, processo (ou Período de duração da enfermidade) com 61,9% e cura (ou Cura da doença/Fim da doença) com 38,1%. Em um aspecto mais

formal da construção, o cruzamento dos dados nos revela que com o objeto indireto – função mais recorrente – há um certo equilíbrio entre ocorrências com a primeira pessoa do singular (48%) e terceira (52). Esse equilíbrio, contudo, não é mantido quando comparamos essa mesma função sintática e a relação de presença ou ausência de preposição: 92% das ocorrências se dá com a presença da preposição “por” e apenas 8% sem a preposição.

Outros estudos poderão ser desenvolvidos de modo a buscar em outros espaços as ocorrências da construção [Passar por(a) covid], como em *corpus* orais, outras redes sociais, periódicos etc. Além disso, é possível buscar ocorrências no mesmo local, Twitter, mas com outras pessoas do discurso, especialmente as do plural – como “passamos, passaram” – uma vez que o filtro utilizado empregou a primeira pessoa do singular, apenas. Essa ampliação permite que se observe se esse caráter agentivo do sujeito é mantido com outras pessoas do discurso. Esperamos ter demonstrado como essa construção tem se apresentado recorrente no PB, refletindo o processo de conceptualização da doença.

Referências

AIKHENVALD, A. Y. The Grammar of Well-Being: How to Talk about Illness and Health In an Amazonian Society. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 1, p. 1-33, 2021.

BOTELHO, L. S. Uma abordagem sociocognitivista das construções agentivas x-eiro: jardineiro, micreiro, torradeira, laranjeira, nevoeiro, bobeira. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. (org.). **Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso**. Belo Horizonte: Editora Ufmg, 2009. p. 178-201.

BRONZATO, L. H. O enquadre gramatical da interdição ou “Para um bom entendedor meia palavra basta”. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. (org.). **Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso**. Belo Horizonte: Editora Ufmg, 2009. p. 76-97.

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. São Paulo: Cortez, 2016.

CHARTERIS-BLACK, J. **Metaphors of Coronavirus: invisible enemy or zombie apocalypse?**. Bristol: Palgrave Macmillan, 2021.

FILLMORE, C. J. Frame Semantics. In: LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (ed.). **Linguistics in the Morning Calm: Selected Papers from SICOL-1981**. Seoul: Hanshin, 1982. p. 111-137.

FILLMORE, C. J. The Case for Case. In: BACH, E; T, Harms R (org.). **Universals in Linguistic Theory**. New York: Holt, Rinehart, And Winston, 1968. p. 1-88.

GOLDBERG, A. **Explain me this: Creativity, Competition, and the Partial Productivity of Constructions**. Princeton: Princeton University Press, 2019.

GOLDBERG, A. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University Press, 1995.

JORDÃO, G. M. J. Construções com o verbo passar: mudança construcional em perspectiva funcional. **Caderno Seminal**, v. 30, n. 30, p. 174-224, 28 set. 2018. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/cadsem.2018.32691>.

NERLICH, B.; HALLIDAY, C. Avian flu: the creation of expectations in the interplay between science and the media. **Sociology Of Health & Illness**, [s.l.], v. 29, n. 1, p. 46-65, 6 fev. 2007. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-9566.2007.00517>.

PERINI, M. A. **Estudos da gramática descritiva: as valências verbais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SALOMÃO, M. M. M. Tudo certo como dois e dois são cinco: todas as construções de uma língua. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. (org.). **Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso**. Belo Horizonte: Editora Ufmg, 2009. p. 33-74.

SEMINO, E. “Not Soldiers but Fire-fighters”: Metaphors and Covid-19, **Health Communication**, v.36, n.1, p. 50-58, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10410236.2020.1844989>. Acesso em: 18 mar. 2022.

SLOBIN, D. I. From “Thought and Language” to “Thinking for Speakin”. In: GUMPERZ, J. J.; LEVINSON, S. C (Eds.). **Rethinkin linguistic relativity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 70/96.

SONTAG, S. **Doença como metáfora e Aids e suas metáforas**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A gramaticalização dos verbos passar e deixar. **Revista da Abralín**, v. 6, n. 1, p. 1-31, 2007.



The process-healing relationship in construction [Passing (through) a covid]: a constructional and statistical analysis

ABSTRACT:

This work presents a proposal for a constructional and statistical analysis of the construction [Passing (through)the covid]. The theoretical framework that guides our analyzes is the Grammar of Constructions (GOLDBERG, 1995), (GOLDBERG, 2019), PERINI (2008); the Grammar of well-being (AIKHENVALD, 2021) and reflections on the verb to pass (JORDÃO, 2018), (TRAVGLIA, 2007). The results reveal that the most prominent meaning relationship with the verb to pass is the duration of the disease (52.6%), followed by the cure of the disease/end of the disease (32.4%), which constitute the double meaning of the construction [Passing (through) the covid], that is, the sense of process-cure.

KEYWORDS:

Grammar of Constructions;
Corpus Linguistics;
Grammar of well-being;
Metaphors;
Verb to pass.